

Em tinta e papel

In ink and paper

Abrir os olhos e ver em tinta e papel os sonhos da noite anterior. Foi o que senti ao receber da Flávia (Flavia Machado), editora-chefe da Revista Brasileira de Terapia Intensiva (RBTI), a auspiciosa notícia da integração das publicações científicas oficiais da Associação de Medicina Intensiva Brasileira (AMIB) e da Sociedade Portuguesa de Cuidados Intensivos (SPCI); e ao lado disso, o convite para redigir este editorial.

Vieram-me a lembrança, em desordenada sucessão, fragmentos de experiências compartilhadas com amigos que me são muito caros.

O primeiro, o Rui (Rui Carrington da Costa)i, conheci-o no Japão, pelos idos de 1989... Foi em Kyoto, em um Congresso Mundial de Terapia Intensiva. Lá se vão mais de 20 anos! Começou com um comentário dele sobre “ventilação pulmonar em alta frequência”; vieram daí tantas considerações e sobre tantas coisas ... Uma longa e agradabilíssima conversa que se interrompeu quando nos despedimos pela última vez em Innsbruck, na Áustria, em outro Congresso de Medicina Intensiva. Desta feita, lá estava ele “a articular” (como se diz em Portugal) o nosso próximo encontro, mas que não aconteceu. Saudades do Rui....

Não nos encontramos mais, porém o Congresso de Medicina Intensiva realizado em Lisboa aconteceu e foi um sucesso, “materializando” (no gerúndio mais brasileiro) a reunião por ele sonhada entre nossos “intensivistas”. Com o Rui, foi uma história de muitos encontros, plenos de episódios sempre interessantes, sempre bem-humorados e felizes. Oportunidades em que, invariavelmente, me era dado ver e entender melhor nossa especialidade e a vida. Receber o Rui em São Paulo ou visitá-lo em sua querida Coimbra eram acontecimentos marcantes. Onde estívéssemos (e não foram poucas tais ocasiões) jamais faltavam projetos que incluíssem iniciativas lusobrasileiras. Com o Rui, aprendi a admirar o que me descreveu como “o mais lindo cenário do mundo” (e olhem que o Rui era viajado e conhecia muito desse vasto mundo!): a Universidade de Coimbra vista da varanda de sua casa!

O Rui me apresentou à medicina intensiva de Portugal e aos intensivistas portugueses. E estes apresentaram-me a outros, muitos outros depois dele.

Meu segundo amigo, ainda nesse mesmo sonho, conheci-o bem depois, em 2005, no Brasil. O Zé Germano (José Germano de Souza) era nosso convidado, tendo acedido a um convite para vir a São Paulo para nos explicar a organização da medicina em Portugal. Ele era o então Bastonário da Ordem dos Médicos de Portugal (OMP) e eu acabara de ser eleito para presidir a Associação Médica Brasileira (AMB). Mal nos havíamos apresentado e, ao cabo de alguns poucos minutos, sempre em busca de origens comuns, fazíamos uma retrospectiva de Angra do Heroísmo, dos Açores, onde José Germano

vivera sua juventude e, duas décadas antes dele, meu pai e o lado português de minha família. Falou-me ele ainda da Angola, que lhe é tão cara, e eu lhe contei dos tantos aplicados caboverdianos que recebíamos naqueles anos em minha universidade, em programas de residência médica. Passamos a acalantar o plano de reunir os médicos de língua portuguesa, sorte a podermos compartilhar soluções e conquistas profissionais, bem como cultivar o vasto elenco de afinidades que agregam a comunidade lusófona. Da ideia à realidade, isso passou-se muito mais depressa que poderíamos imaginá-lo. No ano seguinte, tínhamos a nossa “Comunidade Médica de Língua Portuguesa”, a CMLP. Formaram-na, inicialmente Angola, Brasil, Cabo Verde e Portugal. Logo veio se juntar a nós a Associação Médica de Moçambique. Hoje, a esse conjunto, agregam-se os médicos de São Tomé e Príncipe, da Guiné Bissau e a Associação Médica de Macau.

Da representação dos interesses da profissão médica como um todo, volto à medicina especializada e à medicina intensiva. Estava no Aeroporto da minha Lisboa, vindo do Brasil e prestes a embarcar para o Cabo Verde. Lá encontrava-me com a delegação da OMP e dela faziam parte duas figuras extraordinárias com quem tenho tido imenso prazer de interagir: o Paulo Maia (Mário Paulo de Azevedo Maia) e Antônio Marques Antônio Marques da Silva). Compunham eles o programa científico de mais um dos congressos da CMLP. Com o brilhantismo que lhes caracteriza brindaram-nos, em intervenção que foi de certeza o ponto mais forte do evento: sua experiência na organização do sistema de saúde para fazer face a situações de desastres.

À época, no contexto da Associação Médica Mundial (AMM), encontrava-me intensamente envolvido com colegas americanos e japoneses na redação de um documento que expressasse a posição da AMM sobre essa relevante questão. O breve encontro resultou em amizade sólida, na

visita de ambos e de outros novos amigos a São Paulo, oferecendo-nos o primeiro curso “Fundamentos da Resposta a Desastres”. As muitas e ricas conversas que acompanharam as lições que nos foram dadas, instrumentaram-me consistentemente nas discussões da AMM e influenciaram muito positivamente a redação do texto final da Declaração de Montevideo. Essa declaração expressa a opinião dos médicos de mais de cem países sobre o preparo para enfrentamento de situações de desastres e resposta médica a tais circunstâncias.⁽¹⁾

Viver o que vos exponho neste breve texto tem sido um feliz privilégio. Viver Lisboa, Coimbra, Porto, Luanda, Praia, Maputo, São Paulo e tantas outras cidades, sentindo-me em casa. Antes de tudo, compreender que ser meio português e meio brasileiro me faz duas vezes brasileiro e duas vezes português. Sinto-me particularmente feliz por escrever-lhes essas linhas na revista que agora inaugura a reunião do pensamento clínico e científico da minha especialidade. O amadurecimento que alcança hoje a medicina intensiva lusobrasileira o exige e sabemos que esse desafio será enfrentado por gente a quem não faltam nem estatura nem entusiasmo.

As potenciais vantagens dessa associação são incontáveis. A aproximação dos pesquisadores de nossos países certamente elevará o nível técnico de nossas publicações, dando-lhes maior visibilidade no cenário mundial. Esse convívio estimulará estudos multicêntricos, trazendo novas soluções para problemas comuns, assim contribuindo para a qualidade dos cuidados que oferecemos aos nossos pacientes.

Espero desfrutar ainda de muitos anos da leitura das muitas páginas que aqui serão escritas. Flávia, muito obrigado.

Jose Luiz Gomes do Amaral
Presidente da Associação Médica Mundial

REFERÊNCIAS

1. Declaration of Montevideo on Disaster Preparedness and Medical Response [Internet]. [cited 2012 Jun 28]. Available from: <http://www.wma.net/en/30publications/10policies/d3/>